

A dívida cresce duas vezes

Barbosa Lima Sobrinho *

Papel-moeda e Câmbio foi obra póstuma do professor de Economia da Escola de Politécnica do Rio de Janeiro, sr. Vieira Souto. E para a apresentação do livro era destacado o engenheiro Carlos Sampaio, que havia sido prefeito da então capital da República, no governo de Epitácio Pessoa. Tratava-se da reunião de artigos publicados em *O Paiz* e reproduzidos em diversos jornais, inclusive o *Jornal do Commercio*, o que lhes valia como uma consagração nacional. E para que se perceba a importância dos artigos do professor Vieira Souto, basta considerar que o próprio prefaciador, o engenheiro Carlos Sampaio, dizia que "escrever um prefácio para um trabalho da ordem do presente, da lavra de um emérito professor, como era o dr. Luis Rafael Vieira Souto, é quase um sacrilégio".

A passagem do tempo não desmente o conceito do ilustre prefaciador, embora sejam poucos os leitores de um livro que se tornou raro, mesmo na estante dos que se dedicam ao estudo da economia. Ensinava Vieira Souto que a causa principal das relações cambiais estava na dependência existente entre as importações e as exportações. Embora não fosse causa única, "era, sem dúvida, elemento primordial e causa essencial". Mas, como havia outros fatores, que Vieira Souto passava em revista, para chegar à conclusão de que na balança do comércio internacional estava, de certo, o fator principal.

O que, sem dúvida, ninguém se atreveria a contestar, mesmo reconhecendo que o fator principal estaria, não na balança comercial, mas no

balanço de contas, isto é, no paralelo entre os compromissos assumidos pelo país, em face de todos os seus credores, incluídos neles os donos das mercadorias importadas. Só assim se consegue explicar, ou compreender, como um país, com um superávit de mais de quinze bilhões de dólares, na balança comercial, não tem como se defender na depreciação, ou no aviltamento de sua moeda, no cotejo com as moedas de curso internacional. Nem adianta mudar o nome da moeda. Pode passar de cruzeiro a cruzado, para a queda da moeda brasileira num abismo sem fundo. Vai despencando ladeira abaixo sem que haja meio de sustentá-la, nas cotações cambiais, quando tudo levaria a crer que, com o saldo comercial ela se mantivesse ao par, ou até mesmo acima da moeda internacional. Não chega a ser um paradoxo, mas o efeito natural do desequilíbrio na balança de contas.

A prova aí está. Quando se adotou o Plano Cruzado, que sempre foi mais do ministro Funa-ro do que do presidente Sarney, estabelecia-se a paridade para a moeda brasileira. Um cruzado valeria um dólar. E pouco a pouco o cruzado ia descendo em face do dólar, sobretudo depois que se suspendeu a moratória dos empréstimos externos. Até que, há dias, eram necessários mais de sete cruzados novos para comprar um dólar no mercado paralelo, não obstante o saldo na balança comercial.

Na verdade, não há nada de absurdo, no cotejo das duas moedas, a brasileira e a internacional. O que vale realmente é o cotejo dos compromissos existentes. Cada vez precisamos de mais dólares para o pagamento da dívida externa, e não

há outro meio do que comprá-los aos exportadores de mercadorias, no intercâmbio comercial. Sobre tudo porque temos de somar, de um lado, o custo das importações brasileiras, a remessa de lucros das empresas estrangeiras existentes no Brasil e ainda os dólares que se evadem pelos caminhos escusos do sub e do superfaturamento. Apuradas as contas, acabamos ficando em déficit, e aí está a necessidade de emitir papel-moeda e títulos da dívida pública, para comprar os dólares dos exportadores brasileiros, o que basta para explicar a inflação desordenada que já tem todas as características de uma hiperinflação, que não leva em conta uma política financeira de arroz com feijão, ou de homens que se acreditam muito sabidos. Há dólares saindo pelo ladrão, nas caixas-d'água das altas financeiras.

E o que há de mais grave é que os empréstimos externos crescem pelos dois lados. Crescem em dólares e crescem em cruzados, antigos ou novos, pois que zombam de adjetivos. O que já nos anuncia que, em matéria de capitais, viramos um país exportador de capitais, não obstante os beócios que vivem a dizer que somos um país sem capitais. E não respondem nada quando lhes perguntamos como um país sem capitais pode exportar, todos os anos, mais de doze bilhões de dólares, a título de pagamento de juros da dívida externa.

Já tivemos oportunidade de revelar, com números do próprio Banco Mundial, que em cinco anos, de 1982 a 1986, pagamos não menos de 73 bilhões de dólares aos banqueiros internacionais. E que houve com a dívida? Subiu em vez de cair, passando, no mesmo período, de 71 a 110 bilhões de dólares em 1986. Como se os pagamentos se fossem somando à própria dívida. Isso em dólares.

Porque na fase do Plano Cruzado bastavam 12 bilhões de cruzados para atender à quitação da dívida. Se fôssemos fazer as contas com o dólar no paralelo, acima de sete cruzados novos, precisaríamos, não de doze bilhões, mas de 84 bilhões de cruzados novos. No câmbio oficial poderia dar um pouco menos, com o confisco dos dólares dos exportadores. Mas não muito menos, pois teríamos que gastar mais de quarenta bilhões, em lugar dos doze bilhões dos primeiros dias do Plano Cruzado. Para prova de que a dívida não pára de crescer, tanto em dólares como em cruzados, velhos ou novos.

O que não dá para explicar que o presidente vá para as Nações Unidas, para deblaterar contra os empréstimos externos, no momento mesmo em que o seu ministro da Fazenda vai para os centros financeiros a implorar novos empréstimos, para "alimentar" a dívida que já não temos condição de pagar. Será que esse é o jogo do nosso governo?

Felizmente o presidente dos Estados Unidos sai a campo para advertir os banqueiros que se trata de um problema político, da maior importância para todo o mundo, não apenas para as nações subdesenvolvidas. Não daria nenhum resultado exigir o pagamento da dívida. O que importa e o que valerá como solução é ajustar o pagamento com a capacidade de pagar dos devedores. Fora disso é a insensatez, com que se abre margem ao imprevisível.

* Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Associação Brasileira de Imprensa